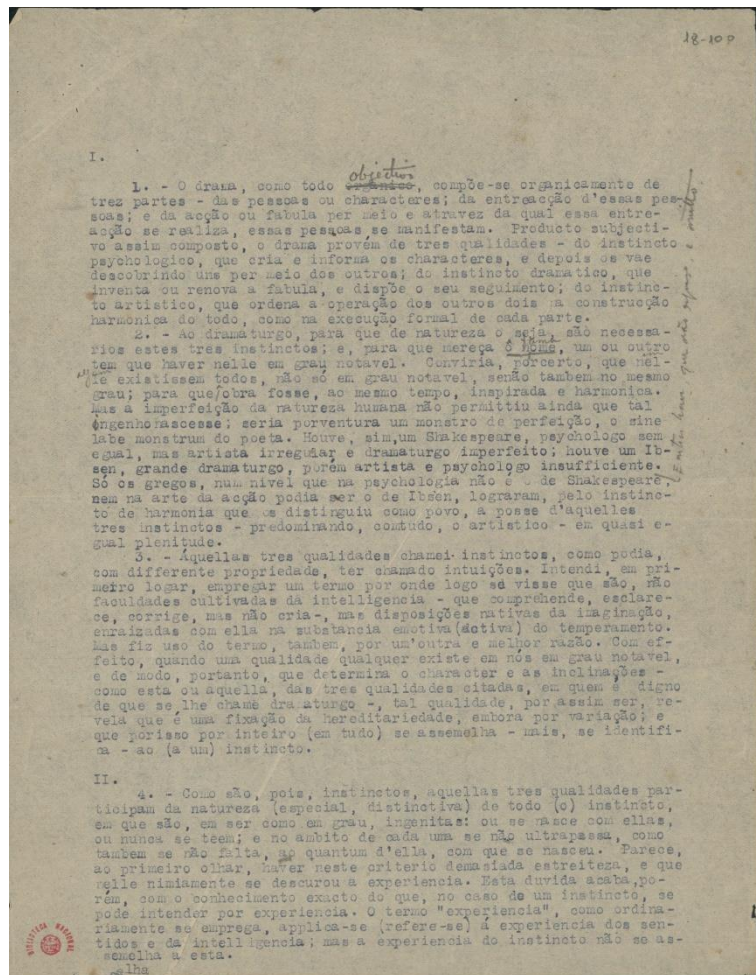




I.

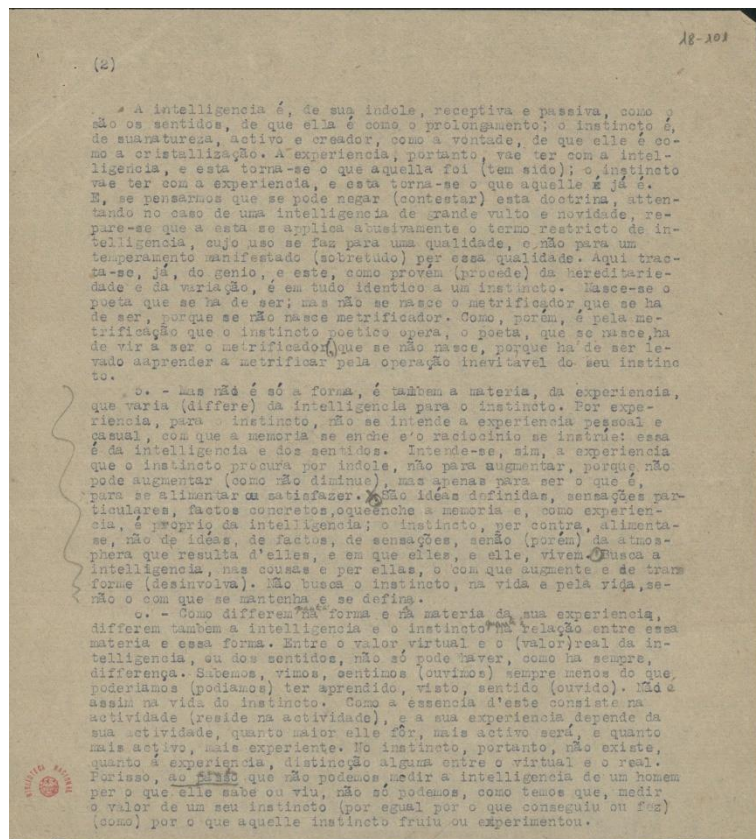
1. - O drama, como todo ~~organico~~ objectivo, compõe-se organicamente de trez partes - das pessoas ou caracteres; da entreacção d'essas pessoas; e da acção ou fabula per meio e atravez da qual essa entreacção se realiza, essas pessoas se manifestam. Producto subjectivo assim composto, o drama provém de tres qualidades - do instincto psychologico, que cria e informa os caracteres, e depois os vae descobrindo uns per meio dos outros; do instincto dramatico, que inventa ou renova a fabula, e dispõe o seu seguimento; do instincto artistico, que ordena a operação dos outros dois na construcção harmonica do todo, como na execução formal de cada parte.

2. - Ao dramaturgo, para que de natureza o seja, são necessarios estes tres instinctos; e, para que mereça o nome /a fama/, um ou outro tem que haver nelle em grau notavel. Conviria, porcerto, que nelle /em algum/ existissem todos, não só em grau notavel, senão tambem no mesmo grau; para que a obra fosse, ao mesmo tempo, inspirada e harmonica. Mas a imperfeição da natureza humana não permittiu ainda que tal ingenho nascesse; seria porventura um monstro de perfeição, o sine labe monstrum do poeta. Houve, sim, um Shakespeare, psychologo sem igual, mas artista irregular e dramaturgo imperfeito; houve um Ibsen, grande dramaturgo, porém artista e psychologo insufficiente. Só os gregos, num nivel que na psychologia não é o de Shakespeare, nem na arte da acção podia ser o de Ibsen, lograram, pelo instincto de harmonia que os distinguu como povo, a posse d'aquelles trez instinctos - predominando, comtudo, o artistico - em quasi equal plenitude.

3. - Áquellas trez qualidades chamei instinctos, como podia, com differente propriedade, ter chamado intuições. Intendi, em primeiro logar, empregar um termo por onde logo se visse que são, não faculdades cultivadas da intelligencia - que comprehende esclarece, corrige, mas não cria -, mas disposições nativas da imaginação, enraizadas com ella na substancia emotiva /activa/ do temperamento. Mas fiz uso do termo, tambem, por um'outra e melhor razão. Com effeito, quando uma qualidade qualquer existe em nós em grau notavel, e de modo, portanto, que determina o character e as inclinações - como esta ou aquella, das tres qualidades citadas, em que é digno de que se lhe chame dramaturgo -, tal qualidade, por assim ser, revela que é uma fixação da hereditariedade, embora por variação; e que porisso por inteiro /em tudo/ se assemelha - mais - se identifica - ao /a um/ instincto.

II.

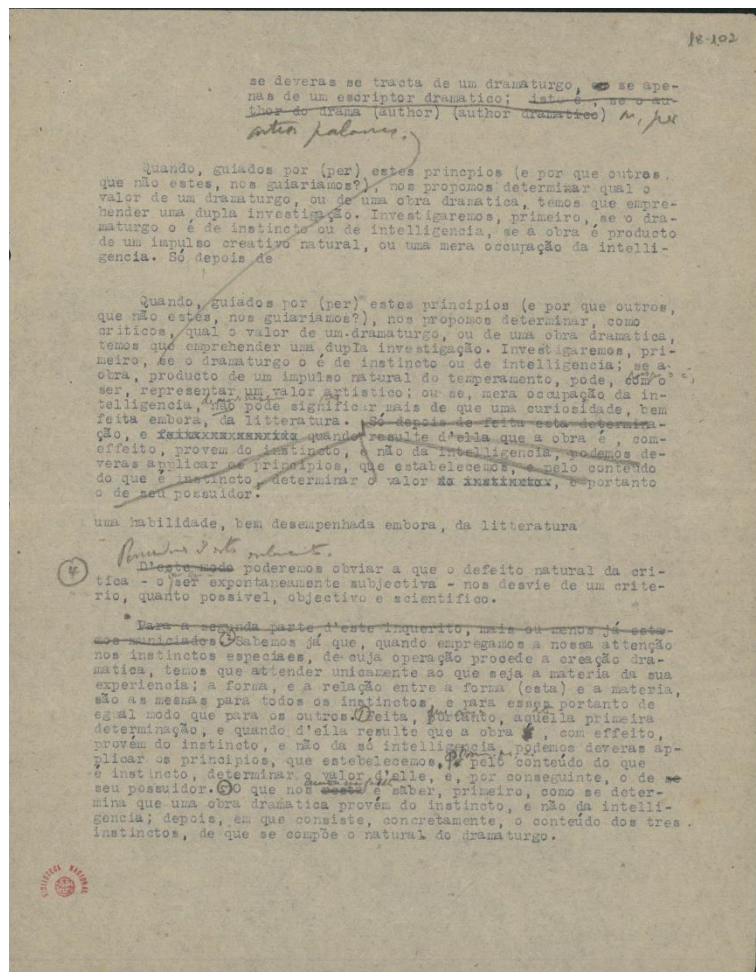
4. - Como são, pois, instinctos, aquellas tres qualidades participam da natureza (especial, distinctiva) de todo (o) instincto, em que são, em ser como em grau, ingenuas: ou se nasce com ellas, ou nunca se teem; e no ambito de cada uma se não ultrapassa, como tambem se não falta, ao quantum d'ella, com que se nasceu. Parece, ao primeiro olhar, haver neste criterio demasiada estreiteza, e que nelle nimamente se descurou a experiencia. Esta duvida acaba, porém, com o conhecimento exacto do que, no caso de um instincto, se pode intender por experiencia. O termo "experiencia", como ordinariamente se emprega, applica-se /refere-se/ á experiencia dos sentidos e da intelligencia; mas a experiencia do instincto não se assemelha a esta.



A intelligencia é, de sua indole, receptiva e passiva, como o são os sentidos, de que ella é como o prolongamento; o instincto é, de sua natureza, activo e creador, como a vontade, de que elle é como a cristallização. A experiencia, portanto, vae ter com a intelligencia, e esta torna-se o que aquella foi ^{((tem sido))}; o instincto vae ter com a experiencia, e esta torna-se o que aquelle é já é. E, se pensarmos que se pode negar ^{((contestar))} esta doutrina, atentando no caso de uma intelligencia de grande vulto e novidade, repare-se que a esta se applica abusivamente o termo restricto de intelligencia, cujo uso se faz para uma qualidade, e não para um temperamento manifestado ^{((sobretudo))} per essa qualidade. Aqui tracta-se, já, do genio, e este, como provém ^{((procede))} da hereditariedade e da variação, é em tudo identico a um instincto. Nasce-se o poeta que se ha de ser; mas não se nasce o metrificador ^{((metrificador))} que se não nasce, porque há de der levado a aprender a metrificicar pela operação inevitavel do seu instincto.

5. - Mas não é só a forma, é também a materia, da experiencia, que varia ^{((differe))} da intelligencia para o instincto. Por experiencia pessoal e casual, com que a memoria se enche e o raciocinio se instrúe: essa é da intelligencia e dos sentidos. Intende-se, sim, a experiencia que o instincto procura por indole, não para augmentar, porque não pode augmentar (como não diminue), mas apenas para ser o que é, para se alimentar ou satisfazer. (3) São idéas definidas, sensações particulares, factos concretos, o que enche a memoria e, como experiencia, é proprio da intelligencia; o instincto, per contra, alimenta-se, não de idéas, de factos, de sensações, senão ^{((porém))} da atmosphaera que resulta d'elles, e em que elles, e elle, vivem. (1) Busca a intelligencia, nas cousas e per ellas, o com que augmente e se transforme ^{((desinvolve))}. Não busca o instincto, na vida e pela vida, senão o com que se mantenha e se defina.

6. - Como differem na ^{((quanto á))} forma e na ^{((á))} materia da sua experiencia, differem também a intelligencia e o instincto na ^{((quanto á))} relação entre essa materia e essa forma. Entre o valor virtual e o ^{((valor))} real da intelligencia, ou dos sentidos, não só pode haver, como ha sempre, differença. Sabemos, vimos, sentimos ^{((ouvimos))} sempre menos do que poderíamos ^{((podíamos))} ter aprendido, visto, sentido ^{((ouvido))}. Não é assim na vida do instincto. Como a essencia d'este consiste na actividade ^{((reside na actividade))}, e a sua experiencia depende da sua actividade, quanto maior elle fôr, mais activo será, e quanto mais activo, mais experiente. No instincto, portanto, não existe, quanto á experiencia, distincção alguma entre o virtual e o real. Porisso, ao passo ^{((sendo))} que não podemos medir a intelligencia de um homem per o que elle sabe ou viu, não só podemos, como temos que, medir o valor de um seu instincto (por igual por o que conseguiu ou fez) ^{((como))} por o que aquelle instincto fruiu ou experimentou.



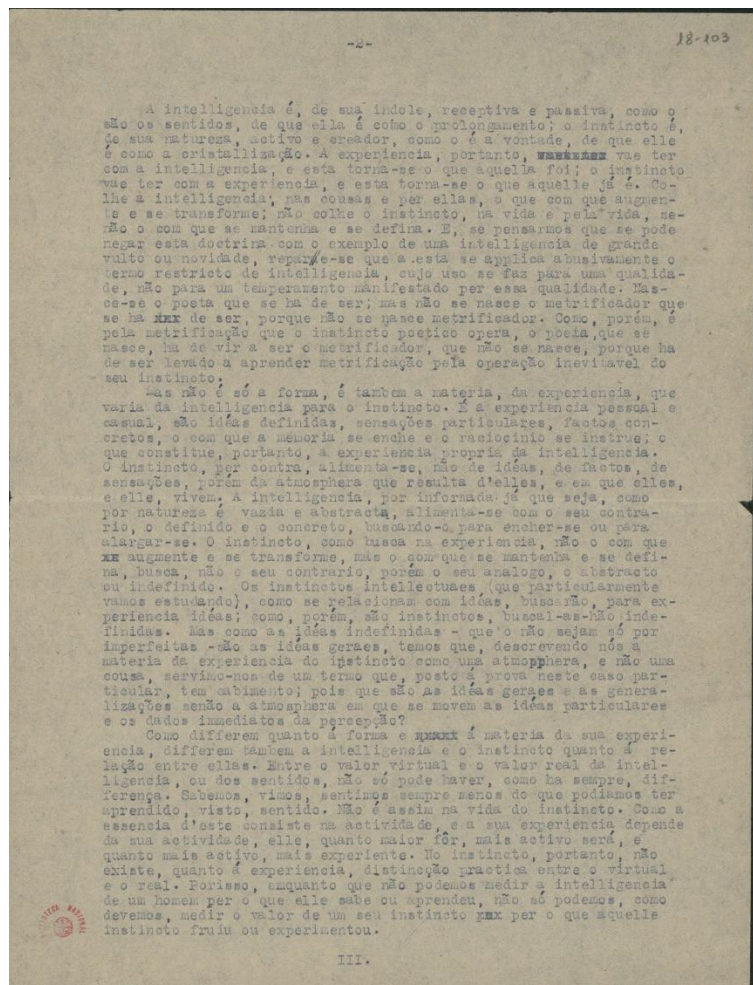
Quando, guiados por ^{/(per)\} estes principios (e por que outros, que não estes, nos guiaríamos?), nos propomos determinar qual o valor de um dramaturgo, ou de uma obra dramatica, temos que emprehender uma dupla investigação. Investigaremos, primeiro, se o dramaturgo o é de instincto ou de intelligencia, se a obra é producto de um impulso creativo natural, ou uma mera occupação da intelligencia. Só depois de {...}

Quando, guiados por ^{/(per)\} estes principios (e por que outros, que não estes, nos guiaríamos?), nos propomos determinar, como criticos, qual o valor de um dramaturgo, ou de uma obra dramatica, temos que emprehender uma dupla investigação. Investigaremos, primeiro, se deveras se tracta de um dramaturgo, ~~ou se apenas de um escriptor dramatico; isto é, se, o author do drama~~ ^{/(author)\} ^{/(author dramatico)\} ou, per outras palavras, se o dramaturgo o é de instincto ou de intelligencia; se a obra, producto de um impulso natural do temperamento, pode, com o ser, ^{/porque o é,\} representar um valor artistico; ou se, mera occupação da intelligencia, não pode significar ^{/de modo nenhum ser\}, mais do que uma curiosidade, bem feita embora, da litteratura. ~~Só depois de feita esta determinação, e feita no sentido quando resulte d'ella que a obra é, com effeito, provem do instincto, e não da intelligencia, podemos deveras applicar os principios, que estabelecemos, e pelo conteúdo do que é instincto, determinar o valor de instincto, e portanto o de seu possuidor.~~

{...} uma habilidade, bem desempenhada embora, da litteratura {...}

(4) ~~D'este modo~~ Possuidores d'estes esclarecimentos, poderemos obviar a que o defeito natural da critica - o ser ^{/de que é\} espontaneamente subjectiva - nos desvie de um criterio, quanto possivel, objectivo e scientifico.

~~Para a segunda parte d'este inquerito, mais ou menos já estamos municiados.~~ (2) Sabemos já que, quando empregamos a nossa attenção nos instinctos especiaes, de cuja operação procede a criação dramatica, temos que attender unicamente ao que seja a materia da sua experiencia; a forma, e a relação entre a forma ^{/(esta)\} e a materia, são as mesmas para todos os instinctos, e para esses portanto de equal modo que para os outros. (1) feita, portanto ^{/que seja\}, aquella ^{/esta\} primeira determinação, e quando d'ella resulte que a obra, com effeito, provém do instincto, e não da só intelligencia, podemos deveras applicar os principios, que estabelecemos. (3) ~~e~~ Podemos, pois, só pelo conteúdo do que é instincto, determinar o valor d'elle, e, por consequente, o de ~~se~~ seu possuidor. (5) O que nos ~~resta~~ ^{/ainda nos falta\} é saber, primeiro, como se determina que uma obra dramatica provém do instincto, e não da intelligencia; depois, em que consiste, concretamente, o conteúdo dos tres instinctos, de que se compõe o natural do dramaturgo.

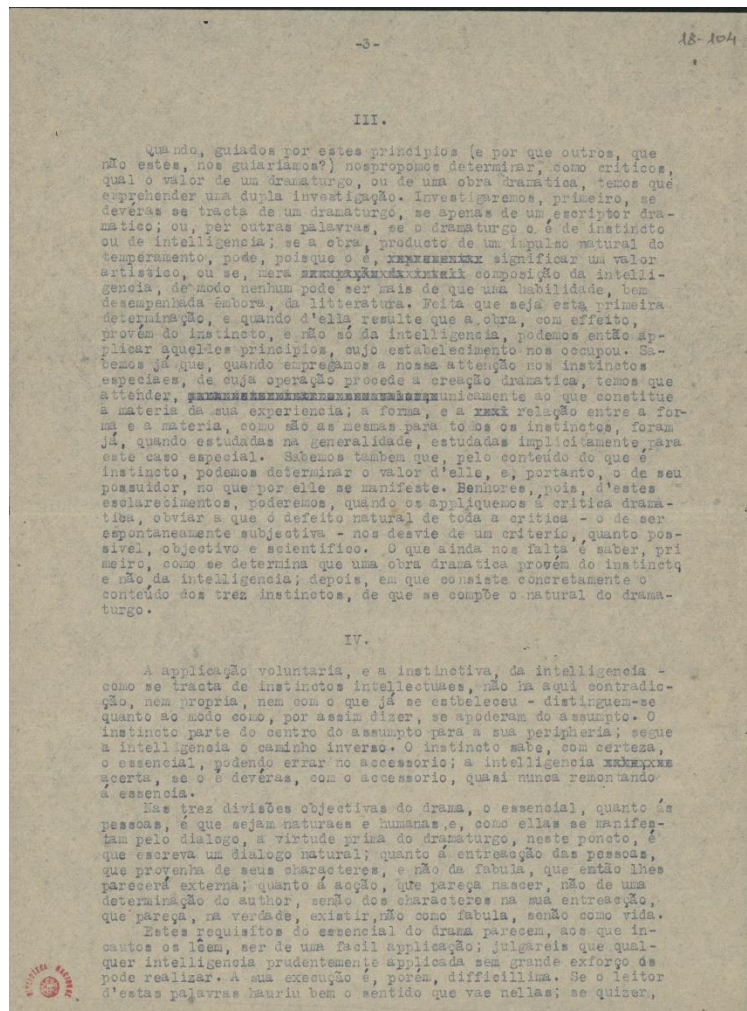


A intelligencia é, de sua indole, receptiva e passiva, como o são os sentidos, de que ella é como o prolongamento; o instincto é, de sua natureza, activo e creador, como o é a vontade, de que elle é como a cristallização. A experiencia, portanto, vae ter com a intelligencia, e esta torna-se o que aquelle foi; o instincto vae ter com a experiencia, e esta torna-se o que aquelle já é. Colhe a intelligencia, nas cousas e per ellas, o que com que augmente e se transforme; não colhe o instincto, na vida e pela vida, senão o com que se mantenha e se defina. E, se pensarmos que se pode negar esta doutrina com o exemplo de uma intelligencia de grande vulto ou novidade, repare-se que a esta se applica abusivamente o termo restricto de intelligencia, cujo uso se faz para uma qualidade, não para um temperamento manifestado per essa qualidade. Nasce-se o poeta que se ha de ser; mas não se nasce o metrificador que se ha ~~de~~ de ser, porque não se nasce metrificador. Como, porém, é pela metrificação que o instincto poetico opera, o poeta, que se nasce, ha de vir a ser o metrificador, que não se nasce, porque ha de ser levado a aprender metrificação pela operação inevitavel do seu instincto.

Mas não é só a forma, é tambem a materia, da experiencia, que varia da intelligencia para o instincto. É a experiencia pessoal e casual, são idéas definidas, sensações particulares, factos concretos, o com que a memoria se enche e o raciocinio se instrue; o que constitue, portanto, a experiencia propria da intelligencia. O instincto, por contra, alimenta-se, não de idéas, de factos, de sensações, porém da atmosphera que resulta d'elles, e em que elles, e elle, vivem. A intelligencia, por informada já que seja, como por natureza é vazia e abstracta, alimenta-se com o seu contrario, o definido e o concreto, buscando-o para encher-se ou para alargar-se. O instincto, como busca na experiencia, não o com que se augmente e se transforme, mas o com que se mantenha e se defina, busca, não o seu contrario, porém o seu analogo, o abstracto ou indefinido. Os instinctos intellectuaes (que particularmente vamos estudando), como se relacionam com idéas, buscarão, para experiencia idéas; como, porém, são instinctos, buscarão-as não indefinidas - que o não sejam só por imperfeitas - são as idéas geraes, temos que, descrevendo nós a materia da experiencia do instincto como uma atmosphera, e não uma cousa, servimo-nos de um termo que, posto é prova neste caso particular, tem cabimento; pois que não as idéas geraes e as generalizações senão a atmosphera em que se movem as idéas particulares e os dados immediatos da percepção?

Como differem quanto á forma e ~~quant~~ á materia da sua experiencia, differem tambem a intelligencia e o instincto quanto á relação entre ellas. Entre o valor virtual e o valor real da intelligencia, ou dos sentidos, não só pode haver, como ha sempre, differença. Sabemos, vimos, sentimos sempre menos do que podiamos ter aprendido, visto, sentido. Não é assim na vida do instincto. Como a essencia d'este consiste na actividade, e a sua experiencia depende da sua actividade, elle, quanto maior fôr, mais activo será, e quanto mais activo, mais experiente. No instincto, portanto, não existe, quanto á experiencia, distincção practica entre o virtual e o real. Porisso, emquanto que não podemos medir a intelligencia de um homem per o que elle sabe ou aprendeu, não só podemos, como devemos, medir o valor de um seu instincto ~~per~~ per o que aquelle instincto fruiu ou experimentou.

III.



III.

Quando, guiados por estes principios (e por que outros, que não estes, nos guiaríamos?) nos propomos determinar, como criticos, qual o valor de um dramaturgo, ou de uma obra dramatica, temos que emprender uma dupla investigação. Investigaremos, primeiro, se deveras se tracta de um dramaturgo, se apenas de um escriptor dramatico; ou, per outras palavras, se o dramaturgo o é de instincto ou de intelligencia; se a obra, producto de um impulso natural do temperamento, pode, poisque o é, ~~representar~~ significar um valor artistico, ou se, mera ~~occupação da intell~~ composição da intelligencia, de modo nenhum pode ser mais de que uma habilidade, bem desempenhada embora, da litteratura, bem desempenhada. Feita que seja esta primeira determinação, e quando d'ella resulte que a obra, com effeito, provém do instincto e não só da intelligencia, podemos então applicar aquelles principios, cujo estabelecimento nos occupou. Sabemos já que, quando empregamos a nossa attenção nos instinctos especiaes, de cuja operação procede a criação dramatica, temos que attender, ~~para determinar o seu modo~~, unicamente ao que constitue a materia da sua experiencia; a forma, e a ~~relação~~ relação entre a forma e a materia, como não as mesmas para todos os instinctos, foram já, quando estudadas na generalidade, estudadas implicitamente para este caso especial. Sabemos tambem que, pelo conteúdo do que é instincto, podemos determinar o valor d'elle, e, portanto, o de seu possuidor, no que por elle se manifeste. Senhores, pois, d'estes esclarecimentos, poderemos, quando os applicamos á critica dramatica, obviar a que o defeito natural de toda a critica - o de ser espontaneamente subjectiva - nos desvie de um criterio, quanto possivel, objectivo e scientifico. O que ainda nos falta é saber, primeiro, como se determina que uma obra dramatica provém do instincto e não da intelligencia; depois, em que consiste concretamente o conteúdo dos trez instinctos, de que se compõe o natural do dramaturgo.

IV.

A applicação voluntaria, e a instinctiva, da intelligencia - como se tracta de instinctos intellectuaes, não ha aqui contradicção, nem propria, nem com o que já se estabeleceu - distinguem-se quanto ao modo como, por assim dizer, se apoderam do assumpto. O instincto parte do centro do assumpto para a sua periphéria; segue a intelligencia o caminho inverso. O instincto sabe, com certeza, o essencial, podendo errar no accessorio; a intelligencia ~~sabe, se~~ ~~se~~ ~~acerta~~, se o é de veras, com o accessorio, quasi nunca remontando á essencia.

Nas trez divisões objectivas do drama, o essencial, quanto ás pessoas, é que sejam naturaes e humanas, e como ellas se manifestam pelo dialogo, a virtude prima do dramaturgo, neste ponto, é que escreva um dialogo natural; quanto á entreacção das pessoas, que provenha de seus caracteres, e não da fabula, que então lhes parecerá externa; quanto á acção, que pareça nascer, não de uma determinação do author, senão dos caracteres que na sua entreacção, que pareça, na verdade, existir, não como fabula, senão como vida.

Estes requisitos do essencial do drama parecem, aos que incautos os lêem, ser de uma facil applicação; julgareis que qualquer intelligencia prudentemente applicada sem grande esforço os pode realizar. A sua execução é, porém, difficilissima. Se o leitor d'estas palavras hauriu bem o sentido que vae nellas; se quizer, {...}

18-105

III.

3 o drama tem suas espécies de espécies literárias de gênero arte. ou, por outras palavras, o drama é primeiro arte, depois literária, finalmente drama. A elle devem convir, portanto, os característicos que distinguem toda obra de arte, os que distinguem toda a obra literária, os que distinguem toda a obra dramatica.

O drama representativo, porém, se que não ocorre, como se deve apresentar a ação humana real, distingue-se por sua particularidade: que nelle as qualidades litterarias e as dramaticas se fundem, não havendo qualidades litterarias que não sejam exclusivamente dramaticas. Sim: se ha de apresentar ações humanas de modo que nos pareçam reais, não ha o dialogo ser mais litterario do que a conversação vulgar dos homens; nem a ação, mesmo quando seja de um caso notavel ou especial, de tal ordem que se possa dizer que é litterario. *Se a ação for notavel, e a conversação vulgar, não ha mais que dizer que é litterario, e se a ação for vulgar, e a conversação notavel, não ha mais que dizer que é real.*

Vemos, pois, que no drama representativo, como não ha qualidades (requisitos) litterarios, que não sejam só os dramaticos, exousamos de designal-o como obra de arte, obra litteraria e obra dramatica. Não ao ~~proximo~~ ^{antecessor} com propriedade, senão com exactidão, diremos que elle é primeiro obra de arte, ~~segundo~~ ^{terceira} obra dramatica.

IV.

A obra de arte é primeiro obra, depois obra de arte. Como obra - isto é, produto objetivo do esforço humano - ella promove a uma das duas qualidades do espirito, cujo fim é effectuar os nossos intentos; ou allia a vontade consciente, e o instincto. Uma simples obra, portanto, obra de arte, pode provir de vontade consciente, ou de instincto.

Ella, porém, não só é obra, senão obra de arte. Differe a obra de arte de qualquer simples producto do esforço humano, que se dá em attenção a todos. Vem, tanto quanto este exemplo. Uma carta particular é litteratura, littera modo, porque se forma de palavras escriptas; uma phrase dicta, por vulgar que seja, como a linguagem fallada, é em certo modo oratoria; e assim o meu Jourdain descobriu que toda a vida fizeira prosa. Nos porém não consideramos litteratura uma carta vulgar, a menos que por acaso appareça com o valor determinado; tampouco temos por do domínio oratorio uma phrase dos acasos da rua; nem Monsieur Jourdain, embora a sua prosa, é um prosador.

a elegância da dicção, os primores do vernáculo, os ornatos da poesia podem convir ao drama poético transferido, poético ou symbolico, porque nessa especie de drama, poético se não pretende apresentar a acção humana como exactamente possa dar-se.

Podavia a certa vulgar, como tem sentido, rhythm, dicção, ha de
ter, como litteratura, um valor qualquer, por pequeno que seja.
E esta a phrase vulgar ~~que~~ tem um rhythm ~~certo~~, um sentido;
foi enunciada de certa maneira, e por isso ~~algum~~ algum valor tem
oratoria, por pouco que vallesse. E H. Jourdain, embora não fosse
um prosador, como fazia prosa, alguma ~~coisa~~ ^{coisa} ~~de~~ ^{de} ~~valor~~ ^{de valor}.

Transcrição

III.

É o drama ~~uma sub-especie da especie litteratura de genero~~ um genero da litteratura; e ~~que~~ esta, por sua vez, é um genero da arte. ~~Out~~ Per outras palavras, o drama é primeiro arte, depois litteratura, finalmente drama. A elle devem convir portanto os caracteristicos que distinguem ~~toda~~ a obra de arte /da arte que lhe convem/, os que distinguem toda a obra litteraria, os que distinguem toda a obra dramatica das outras obras litterarias /de alguma das outras/

O drama representativo, porém, ~~de que nos ocupamos~~, como serve de apresentar a acção humana real, distingue-se desde logo per uma *pe\parti\culia\la*ridade: que nelle as qualidades litterarias e as dramaticas se fundem, não havendo qualidades litterarias que não sejam exclusivamente */só as* dramaticas. Sim, se ha de apresentar acção humanas de modo que nos pareçam reaes, não ha de o dialogo ser */!mostrar!* mais litterario do que a conversa vulgar dos homens; nem a acção, mesmo quando seja de um caso notavel, ou especial, de tal ordem que se possa dizer que é */ter mais significações entendidas do que* {...}

~~Quanto, num drama d'esta especie,~~ No drama representativo, porém, tudo que se possa dizer litterario, é um defeito.

Vemos, pois, que no drama representativo, como não ha qualidades / (requisitos)\ litterarios, que não sejam só os dramaticos, excusamos de signal-o como correlativamente obra de arte, obra litteraria e obra dramatica. Não só ~~proprio~~ com propriedade, senão com exactidão, diremos que elle é só primeiro obra de arte, ~~segundo~~ depois ~~é~~ obra dramatica. Convir-lhe-hão portanto os characterisiticos qualitativos do *genero*, e da especie drama.

IV.

A obra de arte é primeiro obra, depois obra de arte. Como só obra - isto é, simples producto objectivo do exorço humano - ella provem de uma das duas qualidades do espirito, cujo fim é effectuar os nossos intentos; são ellas a vontade consciente, e o instincto. ~~Como simples obra, portanto, a obra de arte pode provir da vontade consciente, ou do instincto.~~

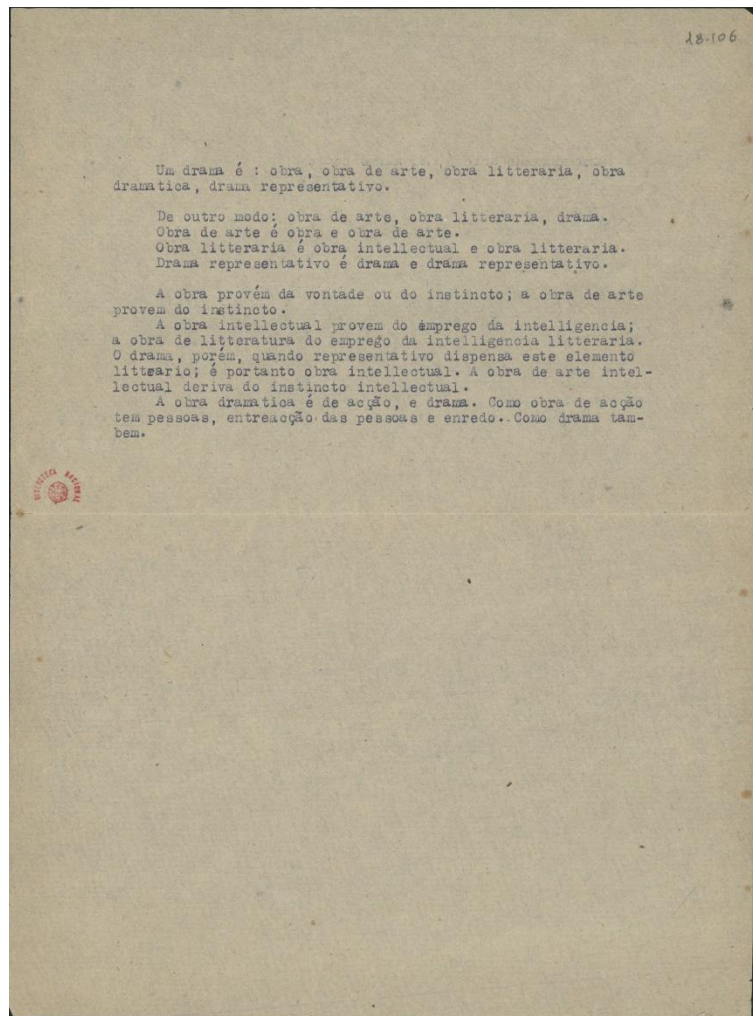
V Ella, porém, não só é obra, senão obra de arte. Differe a obra de arte de qualquer simples producto do exforço humano, ~~em que se lhe attribue um valor. Vemos claramente~~ num no que um exemplo simples claramente mostra. Uma carta particular é, em certo modo, litteratura, poisque se forma de palavras escritas; uma phrase dicta, por vulgar que seja, como é linguagem fallada, é em certo modo oratoria; e assim Monsieur Jourdain descobriu que toda a vida fizera prosa. Nós porém não consideramos litteratura uma carta vulgar, a não ser que por acaso appareça com valor determinado; tampouco temos por do dominio oratorio uma phrase dos acasos da rua; nem a Monsieur Jourdain, embora a sua prosa, ~~era~~ chamamos um prosador.

A elegancia da dicção, os primores do vernaculo, os ornatos da poesia, podem convir ao drama ~~poetico~~ transferido, poetico ou symbolica, porque nessa especie de drama, ~~por natureza~~, como o fim principal é litteratura, se não pretende apresentar a acção humana como exactamente possa dar-se.

|*tendo o dramaturgo de vêr a sensibilidade das pessoas e|

Todavia a carta vulgar, como tem sentido, rhythmo, dicção, ha de ter como litteratura, um valor qualquer, por pequeno que seja. E ~~assim~~ tambem a phrase vulgar ha de como tem um rhythmo ~~tambem~~, um sentido, e foi enunciada de certa maneira, e ~~portese~~ algum valor teve como oratoria, por pouco que ~~valesse~~ fosse. E M. Jourdain, embora não fosse um prosador, como fazia prosa, alguma ~~coisa havia de~~ valor a prosa havia de ter.

Temos, pois, que a obra de arte, para sel-o, envolve que tenha, não um valor qualquer, mas um valor notável.



Um drama é : obra, obra de arte, obra litteraria, obra
dramatica, drama representativo.

De outro modo: obra de arte, obra litteraria, drama.
Obra de arte é obra e obra de arte.
Obra litteraria é obra intellectual e obra litteraria.
Drama representativo é drama e drama representativo.

A obra provém da vontade ou do instinto; a obra de arte
provém do instinto.

A obra intellectual provém do emprego da intelligencia;
a obra de litteratura do emprego da intelligencia litteraria.
O drama, porém, quando representativo dispensa este elemento
litterario; é portanto obra intellectual. A obra de arte intel-
lectual deriva do instinto intellectual.

A obra dramatica é de acção, e drama. Como obra de acção
tem pessoas, entreacção das pessoas e enredo. Como drama tam-
bem.

Um drama é: obra, obra de arte, obra litteraria, obra dramatica, drama
representativo.

De outro modo: obra de arte, obra litteraria, drama.
Obra de arte é obra e obra de arte.
Obra litteraria é obra intellectual e obra litteraria.
Drama representativo é drama e drama representativo.

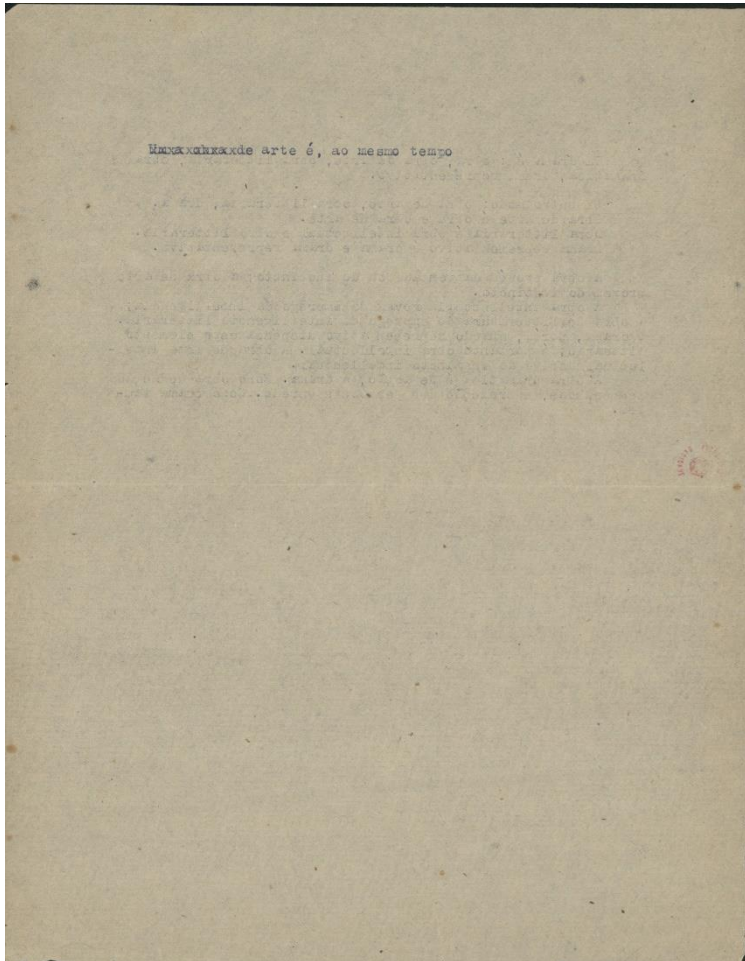
A obra provém da vontade ou do instinto; a obra de arte provém do instinto.

A obra intellectual provém do emprego da intelligencia; a obra de litteratura do
emprego da intelligencia litteraria. O drama, porém, quando representativo dispensa este
elemento litterario; é portanto obra intellectual. A obra de arte intellectual deriva do
instinto intellectual.

A obra dramatica é de acção, e drama. Como obra de acção tem pessoas, entreacção das
pessoas e enredo. Como drama tambem.

BNP/E3, 18 - 106v

Transcrição



~~Uma obra de~~ arte é, ao mesmo tempo {...}

BNP/E3, 18 - 107^c

Transcrição

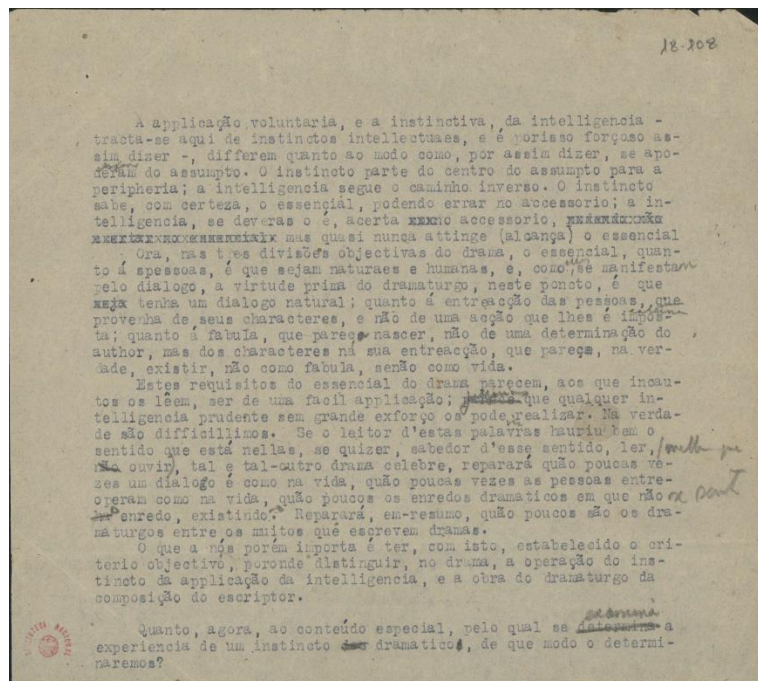
18-107

Completa assim, como cumprir que a fizéssemos, a exposição das bases, ou princípios, que regem o ingenho critico na analyse de um drama, vamos proceder á applicação d'esses principios ao drama especial, a que estas considerações servem, porventura sem prestimo, de commentario.

Consideremos, primeiro, se o author d'este drama é um dramaturgo de instincto, ou um escriptor que ~~compoz um drama~~ compoz um drama. Sabemos já como essa determinação é feita.

Completa assim, como cumprir que a fizéssemos, a exposição das bases, ou principios, que regem o ingenho critico na analyse de um drama, vamos proceder á applicação d'esses principios ao drama especial, a que estas considerações servem, porventura sem prestimo, de commentario.

Consideremos, primeiro, se o author d'este drama é um dramaturgo de instincto, ou um escriptor que ~~fez um drama~~ compoz um drama. Sabemos já como essa determinação é feita.



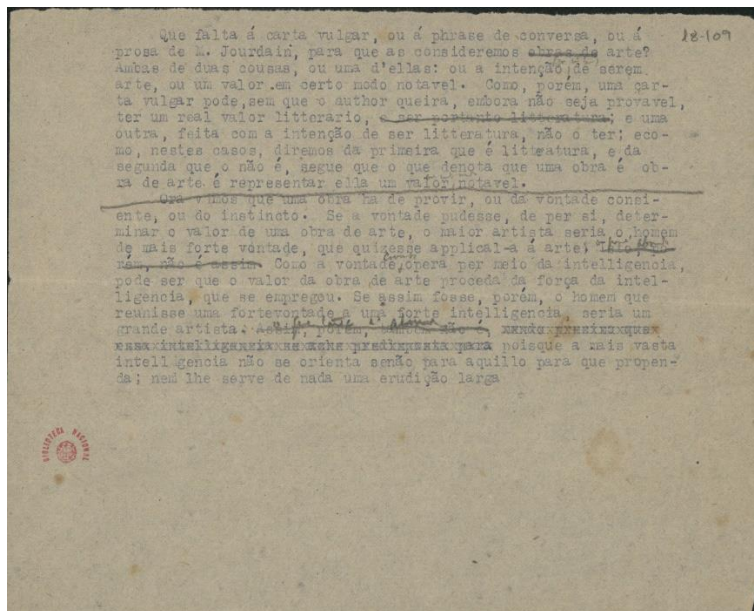
A applicação voluntaria, e a instinctiva, da intelligencia - tracta-se aqui de instinctos intellectuaes, e é porisso forçoso assim dizer -, differem quanto ao modo como, por assim dizer, se apoderam^{ssam} do assumpto. O instincto parte do centro do assumpto para a periphéria; a intelligencia segue o caminho inverso. O instincto sabe, com certeza, o essencial, podendo errar o accessorio; a intelligencia, se deveras o é, acerta ~~com~~ no accessorio, ~~podendo não acertar no essencial~~. mas quasi nunca attinge ^{/alcança\} o essencial.

Ora, nas tres divisões objectivas do drama, o essencial, quanto ás pessoas, é que sejam naturaes e humanas, e, como ellas se manifestam pelo dialogo, a virtude prima do dramaturgo, neste ponto, é que ~~seja~~ tenha um dialogo natural; quanto á entreacção das pessoas, que provenha de seus characteres, e não de uma acção que lhe é imposta ^{/externa\}; quanto á fabula, que pareça nascer, não de uma determinação do author, mas dos characteres na sua entreacção, que pareça, na verdade, existir, não como fabula, senão como vida.

Estes requisitos do essencial do drama parecem, aos que incautos os lêem, ser de uma facil applicação; ~~parece~~ sentimos que qualquer intelligencia prudente sem grande exforço os pode realizar. Na verdade são difficillimos. Se o leitor d'estas palavras hauriu bem o sentido que está nellas, se quizer, sabedor d'esse sentido, ler, (melhor que ~~não~~ ouvir), tal e tal outro drama celebre, reparará quão poucas vezes um dialogo é como na vida, quão poucas vezes as pessoas entreoperam como na vida, quão poucos os enredos dramaticos em que não se sente ~~na~~ o enredo, existindo. Reparará, em-resumo, quão poucos são os dramaturgos entre os muitos que escrevem dramas.

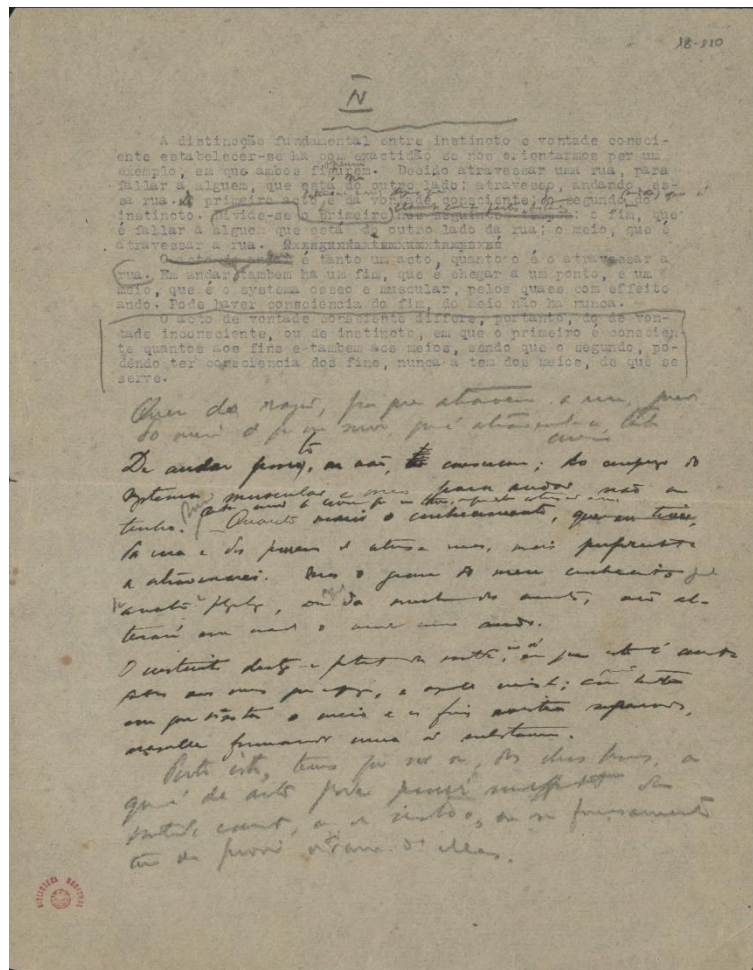
O que a nós porém importa é ter, com isto, estabelecido o criterio objectivo, poronde distinguir, no drama, a operação do instincto da applicação da intelligencia, e a obra do dramaturgo da composição do escriptor.

Quanto, agora, ao conteúdo especial, pelo qual se ~~determina~~ examine a experiencia de um instincto ~~dos~~ dramaticos, de que modo o determinaremos?



Que falta á carta vulgar, ou á phrase de conversa, ou á prosa de M. Jourdain, para que as consideremos ~~obras de arte~~? Ambas de duas cousas, ou uma d'ellas: ou a intenção / (que vão ter) \ de serem arte, ou um valor em certo modo notavel. Como, porém, uma carta vulgar pode, sem que o author queira, embora não seja provavel, ter um real valor litterario, ~~e ser portanto litteratura~~; e uma outra, feita com a intenção de ser litteratura, não o ter; e como, nestes casos, diremos da primeira que é litteratura, e da segunda que o não é, segue que o que denota que uma obra é obra de arte é representar ella um valor notavel.

Ora vimos que uma obra ha de provir, ou da vontade consciente, ou do instincto. Se a vontade pudesse, de per si, determinar o valor de uma obra de arte, o maior artista seria o homem de mais forte vontade, que quisesse applical-a á arte. ~~Isto, porém, não é assim~~, o que é infundado. Como a vontade consciente opera per meio da intelligencia, pode ser que o valor da obra de arte proceda da força da intelligencia, que se empregou. Se assim fosse, porém, o homem que reunisse uma forte vontade a uma forte intelligencia, seria um grande artista. ~~Assim, porém, também não é~~. O que basta é alma sendo preciso que essa intelligencia se ache ~~predisposta para~~ poisque a mais vasta intelligencia não se orienta senão para aquillo que propenda; nem lhe serve de nada uma erudição larga {...}



IV

A distincção fundamental entre instinto e vontade consciente estabelecer-se ha com exactidão se nos orientarmos per um exemplo, em que ambos figurem /operem\. Decido atravessar uma rua, para fallar a alguém, que está do /no\ outro lado; atravesso, andando essa rua. Do primeiro acto (atravessar a rua) dizemos que é da vontade consciente; do segundo (andar) que é do instinto. O primeiro divide-se ~~nos seguintes tempos~~ claramente em 2 partes de tempos: o fim, que é fallar a alguém que está do outro lado da rua; o meio, que é atravessar a rua. ~~O segundo tem um tempo só~~

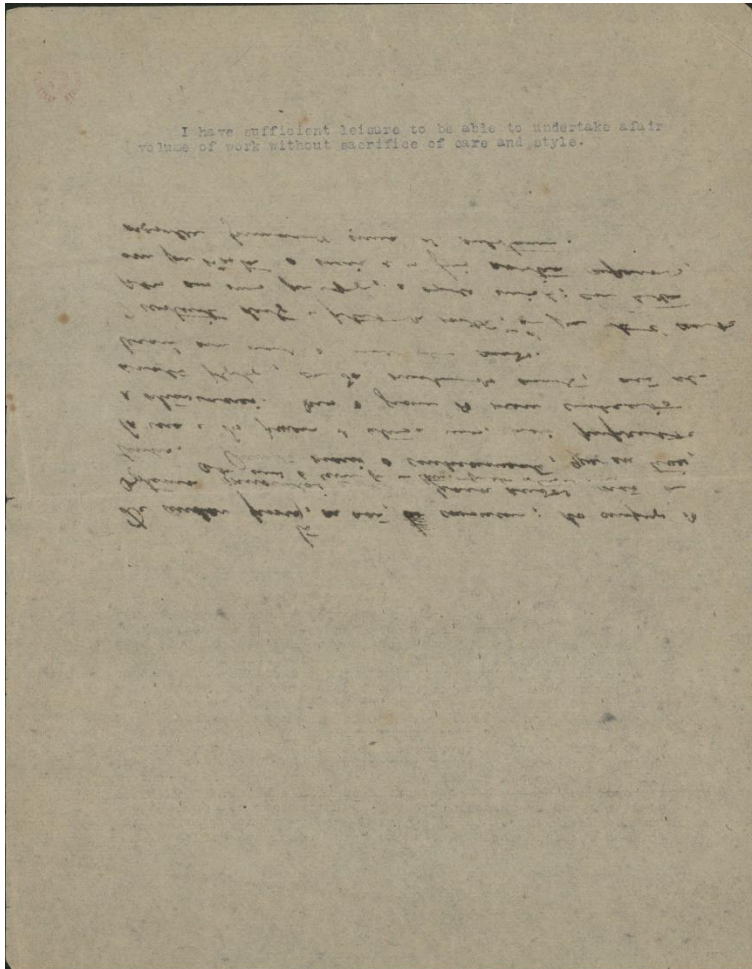
O acto de andar. Em andar que é tanto um acto, quanto o é só atravessar a rua tambem ha um fim, que é chegar a um ponto, e um meio, que é o systema osseo e muscular, pelos quaes com effeito ando. Pode haver consciencia do fim, do meio não ha nunca.

O acto de vontade consciente differe, portanto, do de vontade inconsciente, ou de instinto, em que o primeiro é consciente quanto aos fins e tambem aos meios, sendo que o segundo, podendo ter consciencia dos fins, nunca a tem os meios, de que se serve.

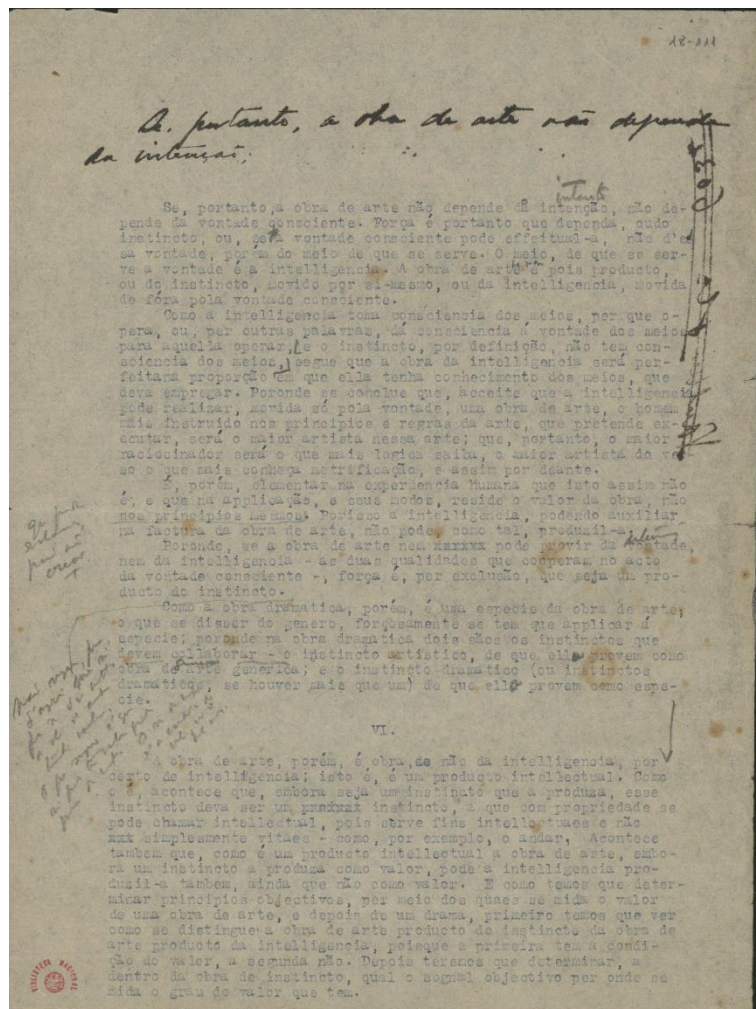
Quer da razão, porque atravesso a rua, quer do meio de que me servi, que é atravessando-a, tenho consciencia. De andar posso ter, ou não, ~~ter~~ consciencia; do emprego do systema muscular e osseo para andar não a tenho. Assim, quanto maior o conhecimento /quanto mais a consciencia que eu tenho, de que estou atravessando a rua\, ~~que eu tivesse~~, da rua e dos passos de atravessar a rua, mais promptamente a atravessarei. Mas o grau do meu conhecimento geral da anatomia e psychologia, ou especial do conhecimento do consciente, não alterará em nada o modo como ando.

O inconsciente distingue-se portanto da vontade, não só em que esta é consciente quanto aos meios que emprega, e aquelle mixto; como /sendo\ tambem em que n'este o meio e os fins existem separados, naquelle formando uma só substancia.

Posto isto, temos que ver se, das duas formas, a que é da arte pode fruir semelhantemente da vontade consciente, ou do instinto, ou se forçosamente tem de possuir a só um d'elles.



I have sufficient leisure to be able to undertake a fair volume of work without sacrifice of care and style.



Se, portanto, a obra de arte não depende da intenção; {...}

Se, portanto, a obra de arte não depende da^o intenção ^{/intento\}, não depende da vontade consciente. Força é portanto que dependa, ou do instinto, ou se a vontade consciente pode effectual-a, não d'essa vontade, porém do meio de que se serve. O meio, de que se serve a vontade é a intelligencia. A obra de arte é ^{/ha de ser\} pois producto, ou do instinto, movido por si-mesmo, ou da intelligencia, movida de fóra pola vontade consciente.

Como a intelligencia toma consciencia dos meios, per que opera, ou, per outras palavras, dá consciencia á vontade dos meios para aquella operar, |e o instinto, por definição, não tem consciencia dos meios,| segue que a obra da intelligencia será perfeita na proporção em que ella tenha conhecimento dos meios, que deva empregar. Poronde se avalia que, accete que a intelligencia pode realizar, movida só pola vontade, uma obra de arte, o homem mais instruido nos principios e regras da arte, que pretende executar, será o maior artista nessa arte; que, portanto, o maior raciocinador será o que mais logica saiba, o maior artista do verso o que mais conheça metrificacão, e assim por deante.

É, porém, elementar na experiencia humana que isto assim não é, e que na applicação, e seus modos, reside o valor da obra, nos principios mesmos que podemos |*excluir|, porém não |crear|. Porisso a intelligencia, podendo auxiliar na factura da obra de arte, não pode, como tal, produzi-la.

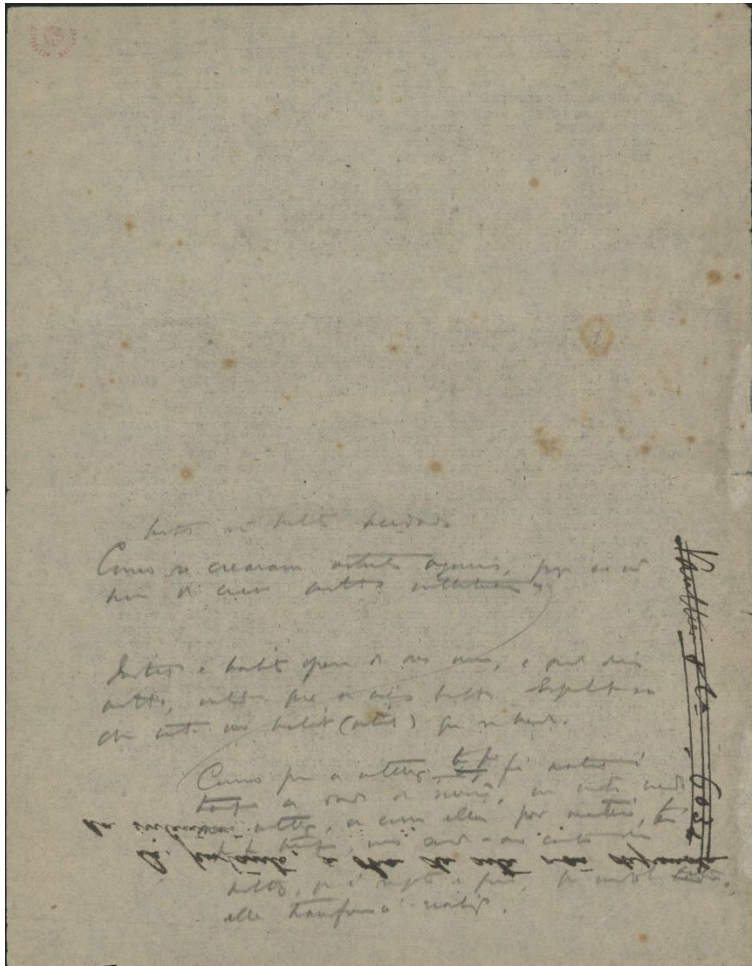
Poronde, se a obra de arte nem ~~deriva~~ pode provir da vontade ^{/determinação\}, nem da intelligencia - as duas qualidades que cooperam no acto da vontade consciente -, força é, per exclusão, que seja um producto do instinto.

Mais segue, porem, d'aqui que só por ser do instinto a obra de arte tenha valor. O que segue é que só pode ter valor quando venha do instinto. O ser do instinto é o creador de valor, só o valor cria.

Como a obra dramatica, porém, é uma especie da obra de arte; o que se disser do genero, forçosamente se tem de applicar á especie; poronde na obra dramatica dois são os instinctos que devem collaborar - o instinto artistico, de que ella provem como obra de arte generica ^{/genero\}; e o instinto dramatico (ou instinctos dramaticos, se houver mais que um) de que ella provem como especie.

VI.

A obra de arte, porém, é obra, se não da intelligencia, por certo de intelligencia; isto é, é um producto intellectual. Como o é, acontece que, embora seja um instinto que a produza, esse instinto deve ser um ~~product~~ instinto, a que com propriedade se pode chamar intellectual, pois serve fins intellectuaes e não ~~out~~ simplesmente vitaes - como, por exemplo, o andar. Acontece tambem que, como é um producto intellectual a obra de arte, embora um instinto a produza como valor, pode a intelligencia produzi-la tambem, ainda que não como valor. E como temos que determinar principios objectivos, per meio dos quaes se mida o valor de uma obra de arte, e depois de um drama, primeiro temos que ver como se distingue a obra de arte producto do instinto da obra de arte producto da intelligencia, poisque a primeira tem a condição do valor, a segunda não. Depois teremos que determinar, a dentro da obra de instinto, qual o signal per onde se mida o grau do valor que tem.

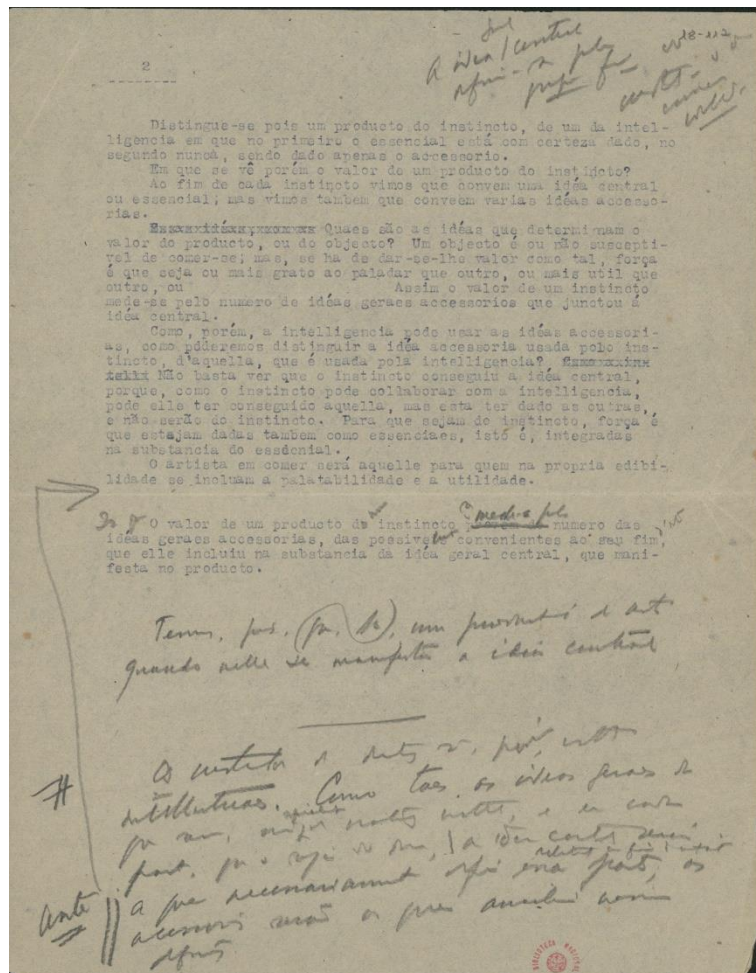


Instinctos são habitos herdados

Como se crearam instinctos organicos, porque se não houve se crear instinctos intellectuaes?

Instinctos e habitos operam do seu modo, e quando dizemos instinctos, intendo que são instinctos intellectuaes. Especialmente se chama instincto ao intellecto / (intelligencia) \ que se herda.

Como porem a intelligencia, ~~org~~ tem por fim natural é transformar os dados da sensação, ou materia creada na intelligencia, ou como ella por materia, terá por fim transformar, mas sendo a materia da intelligencia, que é suposta e que, por involver arte, ella transforma n'a realização.



A idea geral central define-se pelo *proprio fim* do instincto - o de comer edivel.

Distingue-se pois um producto do instincto, de um da intelligencia em que no primeiro o essencial está com certeza dado, no segundo nunca, sendo dado apenas o accessorio.

Em que se vê porém o valor de um producto do instincto?

Ao fim de cada instincto vimos que convem uma idéa central ou essencial; mas vimos também que convem varias idéas accessorias.

~~Essas idéas, com as~~ Quaes são as idéas que determinam o valor do producto, ou do objecto? Um objecto é ou não susceptivel de comer-se; mas, se ha de dar-se-lhe valor como tal, força é que seja ou mais grato ao paladar que outro, ou mais util que outro, ou {...} Assim o valor de um instincto mede-se pelo numero de idéas geraes accessorios que junctou á idea central.

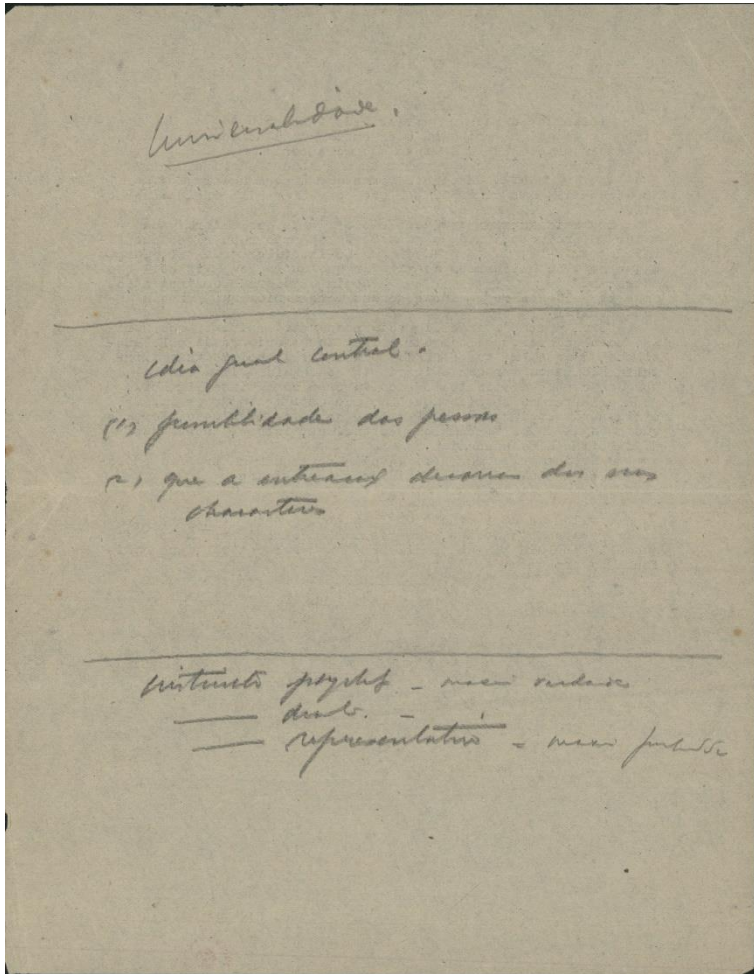
Como, porém, a intelligencia pode usar as idéas accessorias, como poderemos distinguir a idéa accessoria usada pelo instincto, d'aquella, que é usada pela intelligencia? ~~Como a intelli~~ Não basta ver que o instincto conseguiu a idéa central porque, como o instincto pode collaborar com a intelligencia, pode elle ter conseguido aquella, mas esta ter dado as outras, e não serão do instincto. Para que sejam do instincto, força é que estejam dadas também como essenciaes, isto é integradas na substancia do essencial.

O artista de comer será aquelle para quem na propria edibilidade se inclua palatabilidade e a utilidade.

So que o valor de um producto de um instincto ~~proven de~~ se mede pelo numero das idéas geraes accessorias, das possivelmente convenientes ao ~~seu~~ fim d'este, que elle incluiu na substancia da idéa geral central, que manifesta no producto.

Temos, pois, 1º, que um producto é do instincto quando nelle se manifesta a idéa central {...}

Os instinctos do dramaturgo são, porisso, instinctos intellectuaes. Como taes as ideas geraes de que vem, são especialmente de natureza intellectual, e se cada parte, que o seja do drama, a idea central seria relativamente ao fim do artista a que necessariamente defina essa parte, os accessorios serão os que assimilem nessa definição. ||Ante



Universalidade.

Idea geral central.

(1) possibilidade das pessoas

(2) que a entreação decorra dos seus caracteres

instincto psychologico - maxima verdade

instincto dramatico - {...}

instincto representativo - maxima generalidade

A intelligencia e o instincto distinguem-se, primariamente, quanto á natureza dos seus fins. Como tem por fim comprehender, a tudo é susceptivel de se comprehender, ou objecto de comprehensão, a intelligencia não tende para um objecto particular, nem para um grupo ou especie particular de objectos. Como tem por fim operar, o instincto tem forçosamente um fim especial, poisque só a determinação, que pertence á vontade consciente, não como vontade porém como consciente, pode ter um fim geral, que é o de determinar. O instincto de comer, por exemplo, serve de guiar-nos em comer; não serve de guiar-nos em outro acto qualquer.

A intelligencia pode seguir o fim de qualquer instincto, sobretudo de um instincto intellectual; assim posso comer sem ter vontade, por um acto de intelligencia, determinado, por exemplo, pela vontade e para o fim de não me desalimentar.

Como tem por fim uma só categoria de actos, o instincto busca só os meios que lhe sirvam para esse fim, e os objectos também. Como o acto de comprehender envolve tudo, a intelligencia busca como tal, tudo para comprehender, poisque tudo serve esse fim.

Assim, a intelligencia, tendo tudo por essencial, relativamente a comprehender, {...}

O instincto, como tem um fim determinado, e também como nelle o fim e os meios formam uma só substancia, {...}

A intelligencia, porém, que pode empregar-se em decidir quaes as qualidades que distinguem os productos que servem para se comer, pode também empregar-se em decidir quaes as qualidades dos tecidos, que servem para se vestir.

Mas, no caso de não haver instincto de comer, ha doença; a intelligencia só pode substituir o instincto, quando este seja morbido. Mas como, quando este seja morbido, não funcionará bem, diremos que nada isso tem para o nosso caso.

Como o instincto tem um fim determinado, como a esse fim determinado conveem só determinados objectos, como esses objectos se determinam por uma qualidade commum, que é servirem a esse fim, como uma qualidade commum se define per meio de um idéa geral, segue que o instincto - inconscientemente embora - se guia por uma idéa geral. Assim o instincto de comer ~~guia-se~~ serve um fim determinado, que é comer, só lhe conveem determinados objectos, que são susceptiveis de ser comidos, e estes definem-se per uma idéa geral, a de edibilidade.

Quando, como no caso de comer forçosamente, quando, em uma doença, o instincto de comer se torne morbido, a vontade, ou a intelligencia, nos façam comer, fazem-o por utilidade nossa e escolhem o objecto que devemos comer pela sua utilidade, e não pela simples edibilidade.

Nisto, pois, se differençam o acto de instincto e o de intelligencia. O instincto vae direito á idéa geral essencial ao assumpto, podendo guiar-se ou não, e conscientemente ou não, per idéas accessorias. A intelligencia, quando intervenha, ou intevem porque o accessorio seja mais importante, de momento, que o essencial, ou, em qualquer caso, prepõe sempre o accessorio ao essencial {...}

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](#).